

CARTA AO AMOR LOCAL

HENRIQUE AZEVEDO

Resumo: Carta endereçada a Cioran acerca do amor e das dores de se viver em Fortaleza. Tal projeto vem da ideia de mostrar que é possível pensar a cidade que vivemos, usando como inspiração um autor de visão de mundo profunda. Assim, esta Carta ao amor local se inspira em a Carta a um amigo longínquo de Cioran.

Palavras-chave: Cidade, Violência, Amor.

Abstract: Letter to Cioran about the love and pain that is to live in Fortaleza. This project comes from the idea to show the possibility to think about the city we live, using as inspire the deep standpoint of an author. Thus, this Carta ao amor local has been inspired in the Sobre dois tipos de sociedade: carta ao amigo longínquo of Cioran.

Key-Words: City, Violence, Love.

Fortaleza, data imemorial.

Caro Cioran,

“A pátria é apenas um acampamento no deserto” (pg. 12), dizes tu, citando um texto tibetano não identificado. Mas o que é o deserto de minha pátria senão uma louca vontade de se firmar e amar o torrão que nascemos? E se este local nada é, senão uma ilusão disfarçada de terra, cultura, povo e nacionalismo, o que fazer? Somo seres demasiado amantes de nós mesmos, não excluindo nosso redor, para louvar este ditado tibetano. Conhecer lugares outros, diferentes daquele que nascemos, traz à tona a vontade louca de se esgueirar pelo mundo, buscando aventuras, amores, dores, etc. Faz-nos viver a intensidade que um verbo como este se nos impõe e seu substantivo, vida, ganha ares concreto de felicidade e de solidão, de medo e esperança, de vontade e depressão. Somos todos seres arraigados, por vontade própria ou não, ao destino de nascermos onde não escolhemos. A vida nos mostra, caro amigo, que a liberdade não se nos apresenta de pronto, pois o ato de nascer é o mais tirano de todos, uma vez que não escolhemos nossos pais, tampouco nossa condição financeira, a cultura a que pertencemos, dentre uma série de outras coisas. Mas, tenho a plena certeza que nos seria muito menos penoso se escolhêssemos, pelo menos, o local no qual nascemos e, por conseguinte, a cultura a que pertencer.

Meu amigo, tu nasceste em Rasinari, berço baixa da cultura europeia neste país que assombra o mundo devido sua paisagem áspera e contos de famigerados vampiros. Viestes ao mundo, contudo, destinado a civilizar-te, por meio da cultura das intermináveis filas, do frio que corta a carne e elegantiza os corpos femininos; por mais distante de Paris ou de Roma, não houve modo de fugires de sua cultura europeia, pois és desde sempre europeu de nascimento. Já eu, pobre de mim, nasci em meio à fétida e ensolarada Fortaleza, lugar de feias prostitutas de rua e belos cartões-postais litorâneos. Cioran, meu caro amigo, nos brindaste com esta carta ao amigo longínquo, a fim de explicar a este fraterno que não havia nada de glamoroso em escrever em francês ou mesmo morar em Paris, compreendendo-te plenamente. Ilusões de mentes dementes, que imaginam paisagens belas e uma vida descolada da vida mesma. Não quero te mostrar o que é, de fato, tua Romênia ou mesmo Rasinari, pois a conheces melhor que eu, que nunca lá estive senão por tuas palavras. Entretanto, quero que sintas o peso de ser um nada cultural imerso em um mar de cultura desimportante ao teu europeísmo. Quero te mostrar, meu amigo concreto e imaginário, como sucedeu minha vida nesta cidade a partir de um desenvolvimento de pensamento sobre meu torrão tão áspero quanto doce de se viver, quero que sintas a violência de habitar a selva que cheira a morte e a pedras de crack em suas esquinas pobres.

Comecemos pelo início. “Tão admirável me pareceu o projeto que não hesitava em divulgá-lo; os interessados apreciaram mediocrementemente o conteúdo da questão e me qualificaram de canibal: minha

carreira de benfeitor público começava sob maus presságios.” (pg 14) Diz você a respeito das suas inventivas incendiárias, que em sua juventude o acompanharam. Pois bem, Fortaleza é uma cidade que não permite tais inventivas, principalmente se nasce na periferia ou mesmo nas mais pobres favelas ao redor de luxuosos condomínios. Minha cidade, meu caro, está cheia de malfeitores, inocentes responsáveis por si mesmos (sem a consciência de si tão apregoada pela filosofia) execrados pela mídia e pela população, em reflexo daquela, devido a suas lutas inconscientes com o intuito de serem ouvidos. Ah! Cioran, não sabes mesmo o que é está totalmente divorciado do estado de direito, de modo que as forças de repressão invadam sua casa sem a devida autorização judicial, batam em sua família, revirem seus pertences e ainda te chamam dos mais atrozes nomes, que por conveniência não repetirei aqui. Sei que o fascismo exerceu algo pior, mas o estado de direito estava suspenso. A violência impressa dentro das mentes dos moradores desta minha bela morena é de fazer inveja a qualquer húngaro, os quais tu tanto temeste em tua cidade natal. Relataria a ti casos e mais casos, entretanto me resigno a apenas um: meu bairro nunca fora pacato, mas, quando criança, presenciei uma difícil situação. Meus vizinhos eram ladrões e drogados. Então, por conta de uma discussão entre o pai e um dos filhos, este último resolve sacar uma arma e atira em seu pai, que se fere na perna; não satisfeito, o velho que também portara uma arma atira na altura abdominal do filho, de modo que ambos desmaiaram devido à perda de sangue e foram conduzidos ao hospital. Ao acordarem viram que estava um ao lado do outro e que nenhum dos dois havia morrido. Ambos juraram matar ao outro e não podiam mais conviver na mesma casa. Hoje estão mortos devido a outros incidentes.

Este caso, meu caro Amigo, não é algo isolado dentro do território desta cidade pujante e arredia. A morte nos espreita vagarosamente todos os dias quando resolvemos sairmos de casa, mas a alguns ela se faz presente no mais trágico trajeto e interrompe a virtude de se estar entre a podridão de cadáveres em decomposição e os cheiros das frutas da estação. Tu dizes que “detestava todos os húngaros com uma paixão verdadeiramente magiar” (pg 17); mas, e no meu caso? Como detestar meu próprio povo e ao mesmo tempo amá-lo? Nossos inimigos estão dentro de nós mesmos, nas nossas vilas, nos terminais, nas praças, etc. O povo é inimigo de si mesmo em minha cidade e isto se mostra verdadeiro quando, por exemplo, apreendem ladrões em ato nas ruas e praticam com estes todo tipo de atrocidade e violência física sem ao menos perguntar o real motivo de o elemento incorrer naquele ato. Já temos demasiado fixado o que são bem e mal para perguntarmos se há alguém para além destas categorias. Temos uma cartilha muito bem ensinada pelos meios de comunicação acerca do que deva ser o comportamento correto, das ações cidadãs, que contribuem para o bem comum, mas ninguém vê que não existe bem ou mal comum em situações como estas, mas apenas o profundo desespero de não ser notado, senão enquanto marginal. Padecemos da ignorância e da cegueira de não repensarmos a nós mesmos. Mas, meu povo nunca pensa. Não somos ilustrados, não temos boas escolas ou bibliotecas na cidade que não sejam particulares e sem acesso ao povo pobre. No entanto, temos muitos programas policiais televisivos, mostrando o fascismo em voga em minha sociedade. Tu sabes muito bem, meu bom amigo, que Hitler conseguiu ascender ao poder na Alemanha, prometendo estabilidade econômica e bem estar social, não importando o preço disso. Vivemos algo parecido aqui,

pois o discurso comum na boca das periferias é de que “bandido bom é bandido morto”. Logo nas periferias, que são as principais fornecedoras de delinquentes. Ah! Que contradição!

Também gostaria de te relatar algo que creio ser de teu interesse: a atividade das meretrizes. Meu amigo, vivemos em uma cidade de sexo fácil se podes pagar e com qualquer modalidade de ser que te apeteça. No entanto, sei que gostas das mulheres da noite. Amigo, nosso principal cartão-postal é o mar da praia da Iracema, que, ironicamente, dá as costas ao que acontece em suas calçadas. Moças mal arrumadas e com maquiagem mal feita exibem seus corpos seminus, com o intuito de levar para casa o pão de cada dia, fazendo sexo profissionalmente com desconhecidos. Não sou contra tal atividade, passo longe de um moralista; mas há algo de triste por trás dos seus rostos sedutores. A prostituição embeleza nossas calçadas com a feiura de nossa condição social. Ah! Deverias experimentar as bocas dessas moças. São divinas. O mesmo já não posso dizer de sua vontade de ter sua boca experimentada, violentada consentidamente por conta de míseros trocados, que mal compram o leite dos filhos. A condição de penúria em meio à beleza do mar e das areias de Iracema revela que temos, urgentemente, de nos insurgimos contra tal sofrimento, mais ainda contra toda a penúria sofrida aqui.

Contudo, como dissestes uma vez: “quem se revolta, quem se insurge? Raramente o escravo, mas quase sempre o opressor transformado em escravo [...] Mas nós não havendo tido até agora a sorte de sermos opressores, também não podíamos ter a de ser rebeldes” (pg. 17). A rebeldia nunca abandonou nossa razão enquanto povo, pois fomos confederados contra a colônia e o império, expulsamos um governador por corrupção e ultimamente estamos tirando o sono dos governantes com manifestações da mais alta qualidade rebelde. Sem embargo, a rebeldia não é geral. Nem todos de minha cidade foram oprimidos. Alguns até hoje são sustentados pelas tetas do estado ou da exploração daqueles que espacam seus irmãos de condição pobre, os ladrões. Muitas vezes, dá-me vontade de dizimar metade da população, principalmente, a mais fétida e de caráter fascista representada pelos programas policias da hora do almoço. Mas, não posso; não me é razoável ser o que eles são.

Meu bom amigo, minha cidade está longe da podridão de Paris, tampouco está longe da bela lembrança de Rasinari. Minha cidade grita por socorro e parece não ter ninguém a ouvir. Logo ela de beleza incomum, de uma vivacidade ímpar, de belas praias margeadas por favelas. Eis e será para sempre meu amor, mas o amor não suficiente para o convívio. A violência permeia a estética fortalezense de modo que o belo e o feio são quase imperceptíveis, tonando-se ambos agressivos. Tenho certeza que você entenderá meus sentimentos, Cioran, pois estamos destinados a amar a quem nos é hostil.

Henrique Azevedo.

REFERÊNCIA

CIORAN, E. *História e Utopia* (Tradução de José Thomaz Brum). Rio de Janeiro: Rocco, 2011.